

1 Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo, FEC-Unicamp. Pesquisa Violência, Urbanismo e Arte na América Latina.

2 Science, Chico e Nação Zumbi. *A cidade*. In: Da Lama ao Caos, 1994.

3 Foucault, Michel. O olho do poder. In: Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1994.

4 Butler, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. São Paulo, n-1 edições; crocodilo edições, 2019.

5 Weizman, Eyal. Vigiado passado e o futuro através do vírus. *Pandemia crítica*. São Paulo, n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/055>

6 Mbembe, Achille. *Necropolítica*. São Paulo, n-1 edições, 2018, pp. 34-35.

Notícias do *front* ou uma carta de amor.

Clara Barzaghi¹

Estou te escrevendo porque não tenho conseguido escrever, fico dando voltas pela casa, danço e às vezes choro, falo sozinha e para a cidade. A cidade não fica vazia, ao contrário do que disseram alguns durante os primeiros meses de quarentena.

"A cidade não para, a cidade só cresce, o de cima sobe e o de baixo desce"² e em tempos de covid-19 as operações de remoção de moradores de rua seguem a todo vapor, lado a lado às reformas de calçadas por todo o centro de São Paulo. Seria preciso escrever uma história dos espaços que fosse uma história dos poderes³, essas palavras de Foucault martelam na minha mente como um mantra, a materialidade é o efeito dissimulado do poder⁴ e a história das cidades pode ser pensada como a história de codificações racistas mais ou menos escancaradas⁵. Tenho para mim que a diferenciação entre o que Foucault denomina racismo de Estado e o que Mbembe chama de necropolítica consiste mesmo no fato de que as colônias sempre foram o lugar onde o poder operou à margem, "zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da 'civilização'", ali, ao menos segundo o Mbembe, desde sempre "a paz assume o rosto de "uma guerra sem fim", não se combate inimigos, mas criminosos"⁶.

A cidade só cresce e em meio a fechamentos de assistência pra dependentes químicos, moradores de rua apinhados em ônibus lotados em operações de remoção, ações policiais legitimadas pelo discurso dos jornalistas que, por ignorância ou má-fé, chamam de "tumulto" a vida de quem vive nas ruas, a linha entre quem vive e morre na pandemia que para alguns inaugura o século XXI já foi traçada de antemão há muito tempo. Nóia só se fode, diria um amigo, mesmo quando a chance de um *playboy* da Faria Lima ser um transmissor da doença é consideravelmente maior do que o mano do farol.

Bom, sinto informar, mas estamos esquecendo o 11 de Setembro quando falamos, talvez tomados pelo assombro e pelo medo, que o século XXI começa agora. Veja bem, meu bem, há uma guerra em curso há mais tempo do que nossa moral nos permite admitir para dormirmos tranquilos, a cabeça e o corpo não dão conta de lidar com todos nossos mortos. No entanto, não há nada mais palpável do que 1500 mortos por dia, não é mesmo? Como a gente segue vivendo com isso? E como a gente vivia antes, num país onde o sistema carcerário mata há 200 anos mais do que qualquer pandemia, num país com a polícia mais assassina do mundo, no país com o maior número de feminicídios da América Latina, no país que mais mata população queer do mundo? Melhor não ir por aí, senão a gente pira, fica dando voltas pela casa e não consegue escrever, sabe como é? Ou não, tem mesmo é que ir pelos caminhos do que é intolerável e nomeá-lo a cada instante, o que começa por nomeá-lo em nossa própria vida.

7 A Sierguéi Iessiênin

Você partiu,
como se diz,
para o outro mundo.

[...]
Remédio?
Para mim,
despautério:
mais cedo ainda
você estaria nessa corda.

Melhor
morrer de vodca
que de tédio !

Não revelam
as razões
desse impulso

nem o nó,
nem a navalha aberta.

Pare,
basta !
Você perdeu o senso? -

Deixar
que a cal
mortal
lhe cubra o rosto?

Você,
com todo esse talento
para o impossível;
hábil
como poucos.

Por quê?
Para quê?
Perplexidade.

- É o vinho!
- a crítica esbraveja.

Tese:
refratário à sociedade.

Corolário:
muito vinho e cerveja.

Sim,
se você trocasse
a boêmia
pela classe;

A classe agiria em você,
e lhe daria um norte.

E a classe
por acaso
mata a sede com xarope?

Ela sabe beber -
nada tem de abstinência.

[...]
Para que
aumentar
o rol de suicidas?

[...]
Por enquanto
há escória
de sobra.

O tempo é escasso -
mãos à obra.

Primeiro
é preciso
transformar a vida,

para cantá-la -
em seguida.

É preciso
arrancar alegria
ao futuro.

Nesta vida
morrer não é difícil.

O difícil
é a vida e seu ofício.

Vladimir Maiakowski
Tradução Haroldo de Campos

Na praça da República a cidade não silencia nunca, do trolebus aos delírios da madrugada, que começam mais cedo em tempos de pandemia, passando pelo som dos cascos da cavalaria da Polícia Militar no asfalto quente, o silêncio é privilégio de quem o vive enquanto experiência subjetiva, porque a cidade está aos berros, aos rojões da droga que não para de chegar nas biqueiras, rojões esses que se tornam arma contra a ofensiva policial na cracolândia, porque há vãos por onde passa a revolta até nos espaços onde a violência institucionalizada opera sem piedade – e a revolta se faz aos berros! ou às vezes aos sussurros e gemidos e gagueiras também, mas os gritos contidos também são gritos e quando calamos deveria ser para ouvir outras falas do mundo e não nossos silenciosinhos de merda, a paz interior, esse conceito asqueroso, argh! As pessoas nas salas de jantar seguem ocupadas em nascer e morrer, e eu sempre achei melhor morrer de vodca do que de tédio, ao melhor estilo do poeta russo⁷. É preciso estar atente e forte, cantava a canção, não temos tempo de temer a morte, principalmente quando ela bate na porta de nossas casas resguardadas por álcool em gel, invólucro de uma vida com base no *delivery* via aplicativos, mas “nós” nunca fomos o verdadeiro alvo, e é preciso dizer isso.

Pois pior que o 11 de Setembro foi o Bush mandando a ideia que, penso com meus botões, inaugura o século XXI: “You are with US or you are against US”⁸, a frase é um gesto inaugural de fronteiras delimitadas a cada instante e em cada esfera da vida. São fronteiras físicas e subjetivas das quais ninguém escapa e nosso senso de comunidade rapidamente pode se converter em norma de conduta. Who the fuck is US? Quem é esse “nós” que George W. Bush (filho) chama de América? Ora, aqui do lado debaixo do equador, “nós” foi criado a imagem e semelhança dessa América aí, THE America. White Supremacist America, que atira antes de perguntar em qualquer suspeito, monitora qualquer potencial criminoso, e o que define quem vai ou não ser um criminoso é justamente quem pode ou não ser “nós”.

Este texto surge como uma carta de amor, ou de paixão, por assim dizer, se considerarmos o amor o mais servil dos afetos. Uma carta de cumplicidade apaixonada, simplesmente porque sim, porque a magnitude do presente faz aflorarem algumas coisas, dentre elas o apreço pelas paixões alegres que ajudam a atravessar o mar alto, sabe como é? Há momentos em que escolher bem nossas alianças é, mais do que sempre já tem sido, encontrar intercessores para gritar o indizível ou para nos ajudar a criar o chão que sustenta nossa própria vida. Correndo o risco de debandar para meus sujos segredinhos familiares aqui, tua existência me ajudou a dar conta de um mundo no qual qualquer violência que for feita contra mim é legitimada porque eu sou uma “bêbada drogada”. Bom, verdade seja dita, apanhar do meu ex marido me livrou de uma vida de merda na qual a única narrativa possível sobre mim é que eu sou uma pessoa quebrada que precisa de reparo e cuidados – a tua presença não precisava dizer com todas as letras, mas reivindicou comigo todos os dias a minha existência e ajudou a criar a rota de escape, talvez o problema das relações que chamamos de amorosas seja esperar algum resultado diferente quando segue operando o Estado como categoria do pensamento, diante de tal aposta as únicas existências aceitas são as que querem ser parte de “nós”, mas pra ser franca eu acho um tédio essa história de viver como nossos pais, nem minha mãe vive assim.

8 <https://www.youtube.com/watch?v=-qdv6h8WKg>

9 <https://oglobo.globo.com/sociedade/cracolandia-de-sp-mantem-fluxo-especialistas-temem-contagio-total-entre-usuarios-24327678>

10 Michel, Foucault. Introdução à vida não fascista. In: *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por wanderson flor do nascimento. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf>

Diante dos moradores de rua sendo classificados como "vetores ambulantes"⁹ da covid-19 e de um casal que mora na rua da minha casa e dorme amontoados com seus cachorros tudo junto misturado no mesmo colchão, dediquei algum tempo a pensar como o isolamento social é pensado e previsto de acordo com certos padrões morais e elitistas de família que ignoram qualquer pessoa que viva outramente.

Mas sabe o que? O único interesse em viver outramente é, se na hora do vamos ver, a gente já sabe de que lado da guerra está. O nosso mundo tem que acabar e isso é uma batalha contra si mesmo antes de mais nada, não é? Mas o si mesmo não importa muito diante de um genocídio, logo ele nunca importou, os genocídios sempre estiveram aí na história dessa humanidade que conhecemos, sabe como é... embaixo do nossos narizes racistas que se acham antirracistas, nossos umbigos fascistas em torno dos quais acreditamos girar todo o mundo, porque muitas vezes temos certeza que o mundo somos nós e nosso entorno imediato. O Foucault tem me visitado bastante, ou eu a ele, não sei bem dizer, nesses tempos, pra lembrar que o inimigo não é apenas "o fascismo histórico de Hitler ou Mussolini - que souberam tão bem mobilizar o desejo das massas - mas o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora"¹⁰. Algo que eu traduzi para mim mesma como "eu acordo todos os dias, me olho no espelho e penso que meu mundo tem que acabar". Assim eu escolho meu lado na guerra, é um combate contra si mesmo e contra a normalidade.

Esse "nós" que dá a medida do normal é o mesmo que faz meus colegas acharem que são pessoas precavidas por fazerem mercado pelo aplicativo e não saírem de casa há sabe-se lá quantos meses. Terceirizar sua morte não tem a ver com ser precavido, mas antes com achar que sua vida vale mais que a dos outros seres, veja todos que não vão em manifestação durante a pandemia porque vivem com a mãe que é do grupo de risco, mas sabe, quem vive em Cidade Tiradentes nem tem essa preocupação porque lá a idade de morte é 57 anos, sua mãe nem chega a ser grupo de risco, e se chegar você provavelmente divide quarto com ela, então isolamento social é algo bem distante da sua realidade. Ah, para que não reste dúvidas do que estou dizendo, isolamento social não existe em uma cidade como São Paulo, a não ser para "nós". "Há esperança infinita, mas não para nós", disse Kafka certa vez e eu que não costumo discordar dele vou responder dizendo que nem o autor que escreveu o mais absurdo dos mundos previu um mundo onde só há esperança para "nós". Mas, veja, sabemos que Josef K. não tem salvação desde a primeira cena de *O processo*, e a ele só resta ser moído pela máquina.

Daí que eu tenha dançado bem juntinho com a obsessão foucaultiana pela história dos espaços ao longo do chamado isolamento social, pois essa história à qual ele se refere pode ser do lar, dos equipamentos coletivos de saúde, das prisões... Os delírios das madrugadas trancafiadas não devem ser jogados fora, não é mesmo? E por noites a fio conversei contigo na sala de casa, e por vezes com teus textos e de outras pessoas, por vezes conversei com cúmplices que se estreitaram nesses tempos de pandemia. Amizades mesmo que surgem, ressurgem, se afirmam nesses momentos

11 Augusto, Acácio. Amor e servidão, paixão e revolta. *Revista Verve* (PUCSP), ed. 37, 2020.

12 Gal Costa. *Dê um rolê*. In: Fa-tal. Gal a todo vapor. 1971. https://www.youtube.com/watch?v=pvf0a_gBD_4

13 Referência a Oswald de Andrade que Torquato e Gil recuperam em *Geléia Geral*, música que tem me posto para dançar quando a cama parece pegar fogo https://www.youtube.com/watch?v=CuNI_Ud92Qk

14 Racionais MCs. *Mágico de Oz*. In: Sobrevivendo ao inferno. 1997. <https://www.youtube.com/watch?v=xNltful76jw>

15 Racionais MCs. *Nego drama*. In: Nada como um dia após o outro. 2002. <https://www.youtube.com/watch?v=tWSr-NDZ14s>

nos quais a força da história aparece como um rolo compressor e a gente vai tentando encontrar um jeito de respirar, né, porque não dá para dormir quando o mundo cambaleia. A isso eu tenho chamado de amor, ou camaradagem amorosa, para seguir os passos de Émile Armand¹¹.

Tenho escutado muita música, como de costume, e sigo amor da cabeça aos pés¹², aprendendo a só beijar o rosto de quem dá valor, e como é de praxe sem saber muito bem aonde podem levar tantas paixões. Mas, sabe, a alegria é mesmo a prova dos nove¹³, a tristeza um porto seguro que faz com que a casa esterilizada possa parecer a única saída possível, e que se foda quem morrer tendo que trabalhar, matar a força de trabalho sempre foi a regra nas Américas, não é mesmo? Não há possibilidade de alegria no seio da família e do lar nesses termos, essa vou afirmar categoricamente! Daí que o amor tenha assumido de vez a forma de paixões que tomam essas estranhas configurações, esses encontros polimorfos que fazem proliferar a vida mesmo diante do mais absurdo dos mundos.

Você também se pergunta qual é a vida que vale a pena ser vivida?

Não importa que o vírus tenha vindo de Aspen e os *traders* da Faria Lima comprem sua cocaína de traficantes de elite com entrega a domicílio, no imaginário comum, seja pelo tio de direita ou pela assistente social a cracolândia é vista como um foco de contágio descontrolado, e medidas precisam ser tomadas para garantir o corpo são de "nós". O único som que sumiu das cidades foram os gritos e panelaços daqueles que duvidaram, por alguns momentos no começo da pandemia, de seu estatuto de sujeito cuja vida está garantida para seguir sua linha em direção à morte num futuro distante. Sabe que eu saí de casa todos os dias durante a quarentena? Para passear com o cachorro, mas você pode imaginar que eu também precisasse passear, os grandes problemas estão nas ruas e em tempos de catástrofe a rua me trouxe belos encontros, há mais vivacidade em grande parte das pessoas morando nas ruas do centro de São Paulo do que nas salas de jantar de muitas pessoas que eu conheci.

Isso é uma constatação e uma tomada de posição. As ruas sempre me acolheram e outro dia no farol um moço com máscara de oncinha me disse que se todo mundo pensasse igual a nós, a cracolândia seria o Mundo mágico de Oz, sorri e passei dias escutando a música dos Racionais que ele referenciou. Essas coisas mexem com a gente, sabe? "Ninguém liga pro moleque tendo um ataque, foda-se quem morrer dessa porra de crack"¹⁴, canta a canção, e em tempos de pandemia a limpeza vem implacável e passeando com o cachorro certo dia parei pra ver uma movimentação ali debaixo do minhocão, onde mora um monte de gente... morava. Uma família, esse dia, estava sendo educadamente removida pela polícia, sem caô, do lado da polícia já veio junto a equipe da faxina que queria acelerar o processo e começar a jogar água naquela sujeira toda. Tudo muito tranquilamente, porque diante de pandemia todo cidadão de bem, de toda sorte de espectros políticos, quer mais é que aquela gente toda desapareça, "ver pobre preso ou morto já é cultural"¹⁵.

16 Foucault, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 2002, p.164. *apud* Augusto, Acácio. *Guerra e pandemia: produção de um inimigo invisível contra a vida livre*. São Paulo, n-1 edições. disponível em: <https://n-1edicoes.org/018>

17 Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com
livro de ponto expediente protocolo e
manifestações de apreço ao Sr. diretor

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no
dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que
quer que seja fora de si mesmo

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do
amante exemplar com cem modelos de cartas e as
diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Manuel Bandeira

18 Invasores de cérebro.
Noites quentes da cidade. In:
O cérebro é uma bomba relógio/
O cérebro é o apocalipse. 2008.
[https://www.youtube.com/
watch?v=eOpHJIXN1t8](https://www.youtube.com/watch?v=eOpHJIXN1t8)

Não fui só eu que andei tirando Foucault para dançar, como você bem sabe, do Acácio ao Preciado a passagem sobre a peste de *Vigiar e Punir* deu as caras de maneira aterrorizante, afinal "contra a peste que é mistura, a disciplina faz valer seu poder que é análise. [...] Atrás dos dispositivos disciplinares se lê o terror dos 'contágios', da peste, das revoltas, dos crimes, da vagabundagem, das deserções, das pessoas que aparecem e desaparecem, vivem e morrem na desordem. [...] No fundo dos esquemas disciplinares, a imagem da peste vale por todas as confusões e desordens; assim como a imagem da lepra, do contato a ser cortado, está no fundo do esquema de exclusão. [...] A divisão constante do normal e do anormal, a que todo indivíduo é submetido, leva até nós, e aplicando-os a objetos totalmente diversos, a marcação binária e o exílio dos leprosos; a existência de um conjunto de técnicas e instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais, faz funcionar os dispositivos disciplinares que a peste chamava"¹⁶.

Na pandemia, as tentativas de marcar as binaridades e a normalidades não pediram licença e rapidamente surgiram os discursos que legitimam que a violência institucionalizada do Estado e também a violência de quem opera de acordo com a lógica estatal tenham alvo certo na hora de dizer amém às remoções embaixo do minhocão e na região da luz, na famigerada cracolândia. Não demorou muito para que a ameaça invisível fosse redirecionada aos corpos de moradores de rua, enxotados a qualquer sinal de proximidade indesejada por motoboys, camelôs, livreiros. A profilaxia agora opera em nome da exclusão dos "vetores" e assume a forma de uma guerra sem fim em nome da saúde e da paz, e eliminar os anormais tem sido a prática da heterolândia desde que ela existe. O que eu chamo de heterolândia é o que alguns chamam de hetero-colonial-patriarcado, esse CISTema binário e normopata. E diante do hominho da heterolândia, eu fico com o lirismo difícil e pungente dos bêbedos¹⁷, porque "loucos, pervertidos e anormais são o que há de mais verdadeiro, nada temem quando estão no picadeiro, nas noites quentes da cidade"¹⁸.

Nas minhas saídas com o cachorro eu conheci uma gay chamada Maicon que vive na frente do mercado e me avisou que se alguém mexer comigo nas redondezas eu posso chamar que ela chega junto para me ajudar a dar um apavoro nesses valentões. Como eu disse, as ruas têm me trazido o acolhimento de sempre e foi em uma *live* sobre abolicionismo penal que eu entendi que quando uma relação dá merda a única coisa a fazer é cair fora, ficar insistindo numa lógica do perdão e da redenção é o Estado em nós querendo punir aquela pessoa que não sabe nos amar do jeito que a gente gostaria. E o pior, nós esperamos que ela mude por meio de algum dispositivo moral da punição, como se pudesse existir uma moral do amor que vai trazer de volta alguma coisa que provavelmente nunca existiu. E se existiu acabou, às vezes o amor acaba também, o peso das instituições como a Família e o Casamento têm um poder regulatório do desejo verdadeiramente impressionante, o héterosensível, essa estirpe execrável composta pelos filhos do neoliberalismo, casa e acha que vira homem. Mas querer virar esse Homem nada mais é do que reivindicar o aspecto tanatológico disso que os discursos médicos e jurídicos e dos técnicos do desejo forjaram como sendo o homem da modernidade. O Estado é o monopólio da violência e o Homem é sua personificação, que detém o monopólio da violência sobre o corpo da mulher e de qualquer um que saia da norma. Pensar na união de duas pessoas nesses termos é abjeto,

casamento para mim nunca teve a ver com isso, e sim com a experiência compartilhada que se pode ter numa vida junto, o que não condiz com modular o desejo a ponto de desejar a repressão do desejo do outro. A repressão do desejo é o que eu chamo de fascismo, mulher que não anda na linha apanha mesmo, é o aparato estatal de cada um querendo enquadrar tudo na normalidade da heterolândia, aprendi que tem que aprender a sair fora, criar a rota de escape e meter o pé antes de acabar no manicômio ou no cemitério. E Preciado me contou que seguir se reivindicando como mulher também é legitimar o lugar de vítima que a heterolândia designou a quem nasceu com vagina, daí que tenha que escapar dessas nomenclaturas também, recuperar a violência que nos foi usurpada pelo Estado e seus agentes na forma de sujeito e bater de volta, sabendo que você pode perder, mas criando o tempo necessário para poder escapar.

O casal que mora na rua de casa, o garoto penteia o cabelo da garota, os nossos cachorros se parecem e eles brincam entre si, ela tem um cabelão embaraçado e eu passo e volto e eles ainda estão ali, no seu ritual quase diário de escovadas de cabelo. Eles usam um carrinho de supermercado como guarda roupas, vivem ali, na rua, e ele penteia o cabelo dela e às vezes quando passo e já não vejo suas coisas me pergunto para qual campo de concentração eles foram enviados. Sei que no século XXI o nome que se deu foi "abrigo", mas eles estavam mandando os indigentes com suspeita de covid19 todos para um mesmo lugar. São enviados como leprosos para sabe-se lá onde, qualquer instituição que queira regulamentar o comportamento dessas pessoas que de antemão são descartáveis. E a guerra segue eliminando o que se chamava de potenciais criminosos, vistos agora como vetores, essa categoria que parece uma atualização da definição do meio dos delinquentes durante a modernidade, essa identificação "dos titulares privilegiados e exclusivos dos comportamentos ilegais. pessoas rejeitadas, desprezadas e temidas por todo mundo"¹⁸.

Fizeram novos centros para enviar essa gente toda, um para quem tem cara de estar doente, outro pra mandar quem não tossir. Mas sabe, nem todo mundo quer ir para esses abrigos, ficar amontoado com mais de cem pessoas desconhecidas, sair de perto dos seus. Porque morar na rua tem essas formas de viver junto outramente, que o modelo de família burguesa do isolamento social não é capaz de decifrar e entende logo como aglomeração de gente perdida na vida. Tenho para mim que no abrigo não existe possibilidade de camaradagem amorosa, tampouco de pentear o cabelo de quem se escolheu viver junto, ali você vive do jeito que mandam viver. Eles são retirados da rua, mas eles voltam, os anormais sempre voltam e as linhas de escape que se cria para reivindicar a existência anormal vibram comigo, as ruas seguem mais vivas do que os corredores de apartamentos e casas de gente de bem.

Tem gente que vive na rua em grupo, em um colchão de casal, tem alguns em barraca, outras preferem viver sozinhas, mas tem gente que vive mesmo na rua, faz da rua seu lar, e tem gente que acaba ali porque quer beber e se drogar até morrer mesmo, o que separa quem é descartável de "nós" são as superfícies do mundo pelas quais essas pessoas deixam seus rastros. É a luta de classes, mesmo, o capitalismo, ele é pior que crack e corote, e quem fuma pedra e toma cachaça não morre de vírus, me contaram as ruas¹⁹.

19 <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/04/01/covid-19-boatos-sobre-saques-provocam-violencia-na-cracolandia-diz-pastor.htm>

20 Du Bois, W.E.B. *The souls of Black Folk*. USA, Oxford University Press, 2007.

As formações discursivas do poder se materializam nas ruas da cidade e o que diferencia quem vai ser chamada de usuário ou vai ser só mais um "jovem problemático" é a grana, a propriedade privada, *money money money*. Rico não termina no abrigo, não vai pra cracolândia, não vai para a internação compulsória na clínica que muitos nem sabem direito onde é, mas para o retiro *detox*, eles fazem isolamento social em seu *home office*, enchem a cara, fumam maconha ou cheiram cocaína, assistem séries e acompanham brigas nas redes sociais, e veem a vida passar pela janela almejando o futuro que não vem. Mas não há futuro, os punks estavam certos. Reivindicar o normal, seja ele novo ou velho, nunca foi uma opção tolerável.

Em frente à farmácia conheci Lorena, que se aproximou num passo entre estabonado e tímido, perguntando sobre meus cabelos e coloração e descoloração, me contou como tinha tido cabelos de outras cores em outros tempos. Entrei na farmácia, fiz minha compra, lhe entreguei os produtos que havia pedido, eis que a diaba se pôs a chorar, e eu não sei lidar com gente que chora, eu já acho que não sei lidar muito bem com gente nenhuma, mas eis que deságua em choro e não para agradecer, ainda bem porque nada mais abjeto que gente que dá as coisas esperando algum tipo de gratidão submissa em retorno, chorou por chorar, entendi conforme ela se desculpava pelo papelão, não sabe que deu nela, não é dessas que chora por tudo não, mas também não vai ficar segurando, porque a gente tem que deixar sair quando vem né, porque tem que ser sincera, ela dizia ser sincera e querer ser sincera comigo, gostou de mim, por isso chorou ali na minha frente desenfreada, e na mesma rapidez já tinha engolido o choro e apontava em direção à Avenida Paulista, "eu sou aquela bicha que apanhou do segurança do Pão de Açúcar, você deve ter ouvido falar de mim, o escroto me arreventou", e repetia seu nome com orgulho, como se eu devesse conhecê-la, ela está viva. As anormais também insistem em sobreviver e fazer escândalo.

Sabe o que eu acho curioso? Os boatos são mais que suficientes para aflorarem os fascismos que estão ali na superfície da pele, e num piscar de olhos podemos liberar o linchador em nós, veja que um cidadão médio atropelou moradores de rua ali no Arouche logo que começou a pandemia, porque disseram por aí que os nórias estavam na fissura, roubando, esse tipo de rumor que apavora os amantes da propriedade privada. Me lembrei de como a irmã do meu segundo marido certa vez perguntou se a praça Roosevelt era aquele lugar onde ficava um monte de drogado, enquanto outra pessoa respondia eu me contentei em pensar que essa era a praça em frente ao colégio que ela frequentou na zona oeste de São Paulo. Tem que dar nome aos *boys*, não é mesmo? Usuário por usuário, o que define quem termina no cárcere ou na vala comum é uma fronteira traçada pela linha de cor²⁰, mas no Brasil a linha de cor se mistura com a linha de grana, e é a luta de classes, de novo .

Sabe que quando me disseram que eu não tinha para onde ir, que ninguém iria acreditar em mim, afinal todo mundo sabe que eu não passo de uma bêbada drogada, uma pessoa que considero grande amiga foi a única que me respondeu prontamente "eu acredito". Daí que esta carta amor que não se limite ao destinatário, porque os amores têm tomado essa forma agora, eles estão comigo nesses encontros, não passam necessariamente pelo sexo e existem na forma de cumplicidade que produz algo além do efeito direto que

21 Despentés, Virginie. *Teoria King Kong*. São Paulo, n-1 edições, 2006.

22 Rápido e rasteiro

Vai ter uma festa
que eu vou dançar
até o sapato pedir pra parar.

ai eu paro
tiro o sapato
e danço o resto da vida.

Chacal
In: *Muito prazer*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1997.

23 Assumpção, Itamar. *Ideia Fixa*. In: *Sampa Midnight*. 1986. <https://www.youtube.com/watch?v=zbMNI9HyN1Y>

tem na individualidade de quem ama – ainda que esse seja inestimável. Acho que dá para chamar de paixão, sim, ainda que outro dia eu tenha afirmado categoricamente "eu não estou apaixonada" por uma pessoa que não faz a mesma avaliação do nosso encontro que eu, mas porque paixão não tem nada a ver com os filmes e séries que são esfregados a todo o tempo na nossa cara. O que estou chamando de paixão, amor, camaradagem amorosa é a experiência compartilhada, e eu faço coro com Despentés ao dizer que não estou interessada em deixar de pau duro homens e mulheres que não me fazem sonhar²¹.

Mas, preciso admitir, viver das paixões cria uma tendência a superexigir da vida, ninguém deve ser obrigado a esposar nosso descompasso e às vezes é tudo uma questão de acertar os passos, outras tantas as possibilidades das relações estão aquém do que a gente esperava delas. Mas mesmo com todo o esforço e todo o punk a gente se vê preso numa promessa de futuro que nunca vai chegar, desejando a familiaridade de algo que a gente nunca nem experimentou. As possibilidades de existência que se apresentam com as relações são mesmo algo que tenho interesse em explorar, e no cenário concreto da heterolândia é muito raro encontrar gente com quem seja possível dançar na cama e no pensamento. Mas no aqui-e-agora as paixões ardem e os desencontros são tristes, ainda que não definitivos, tem que saber onde é possível encontrar cúmplices, pois ainda que rares, estão por todos os lados.

A experiência que compartilhamos me ensinou que alianças se criam de jeitos diferentes para cada um nas relações, não é possível mensurar isso, e às vezes a gente quer mais, porque às vezes aquilo assenta de um jeito que não gera angústia, afinal se relacionar é dançar juntos, ainda que separados. Obrigada por ter dançado comigo, mesmo quando eu dançava sozinha na sala ou nas ruas, eu sigo dançando contigo e eu sei que você dança comigo também, você já deixou isso claro, o que é o suficiente para seguir de sapatos vermelhos dançando. E se o sapato pedir para parar, eu paro, tiro o sapato e danço para o resto da vida²², com cólera e alegria.

E dançar junto não tem a ver com eu ou você. Os afetos são políticos, né, reduzi-los à experiência pessoal e interiorizada é fechar os olhos para a potência dos encontros. No entanto, os encontros se dão entre pessoas também, como se inserir nessa equação sem recair nos nossos Édipos é que é o pulo do gato. O trabalho junto sempre foi um lugar de paixões alegres para mim, daí o motivo desta carta, que deu passagem aos peso de 10 balaios de gato no peito²³, porque é na experiência de trabalhar e pensar e estudar junto que eu tenho mais facilidade de encontrar camaradagem amorosa. Daí que minha irmã seja uma grande paixão, mas ela não é minha irmã, nós somos também a parceria que passa pelo combate contra nós mesmas e contra todas as regras de sociabilidade pressupostas numa relação familiar, e agora isso toma forma de livros que combatem conosco – a gente briga bastante também, porque relação é também conflito, eu não sei quem foi o hominho que inventou que brigar, ou tensionar as relações, seja uma coisa ruim! Os conflitos e brigas, assim como as paixões, podem ser alegres ou tristes, podem insistir no mesmo ou deslocar a relação para que ela siga tendo possibilidade de existir.

25 Augusto, Acácio.
Amor...op.cit.

26 Assumpção, Itamar.
Isso não vai ficar assim. In:
Sampa Midnight. 1996.
[https://www.youtube.com/
watch?v=h_tUto4Uki8](https://www.youtube.com/watch?v=h_tUto4Uki8)

27 Bash back. *Bash back!*
Ultraviolência queer. crocodilo
edições; glac edições, no prelo.

26
Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas).

Álvaro de Campos

Acho que nunca te contei do meu primeiro marido, a gente se apaixonou numa greve na universidade, ao mesmo tempo que fazíamos um trabalho de urbanismo sobre a transposição do rio São Francisco, e enquanto pensávamos se o sertão viraria mar, era na subjetivação para além de nós da assembleia geral que a gente descobriu que aquela parceria dava pano pra manga. Essa coisa de ser amor da cabeça aos pés tem disso, a gente se apaixonou assim, na hora que sai de si mesmo, e um momento da magnitude do que vivemos torna mais urgente nomear esses afetos, para que eles vinguem e possam proliferar para além das neuroses.

Todas essas paixões têm em comum que elas agem no sujeito para destituir o sujeito, é uma espécie de revolta sustentada (acho que já passa da hora de declarar também meu amor pelo *Mito de Sísifo*, do Camus) que entende que cada ato expressa os poderes das existências envolvidas nas relações e nessa dança dos encontros eu quero tudo ou nada, ainda que tudo não exista de antemão. Saber identificar quem são nossos parceiros de baile é, para mim, a diferença entre saúde e doença, porque não há nada mais triste e despotencializante do que mendigar afeto de quem não sabe dançar, ou então querer que o resto do mundo seja afetado da mesma forma que nós; esse é o tipo de coisa que leva para uma espiral do ressentimento e o ódio só me interessa enquanto possibilidade de paixão pela destruição criadora. O amor e a paixão, assim como a política, não podem ser pensados como exercício da racionalidade, não se faz política sem ódio, não se constrói alianças sem paixão²⁵. Tudo se for bom, necas se for ruim, sabe como é, isso não vai ficar assim²⁶, existe uma guerra em curso, e as pessoas a quem a gente se alia são definidas em cada ato, tem gente que gosta mais de polícia do que de gente queer, tem gente que não sabe amar, tem gente que espera pelo futuro, e, cada um a sua maneira, nenhum desses tipos me interessa, porque atualmente eu prefiro morrer de peste que de mediocridade.

Quando fronteiras são erigidas para construir de novo e de novo os limites da heterolândia, a única compreensão da paixão possível é aquela que acompanha a cumplicidade radical de quem quer reduzir esse mundo a escombros, escombros sobre os quais dançaremos com nossos saltos cravejados de diamantes roubados. Amores que são cúmplices e ecoam um grito: "esse mundo nunca foi suficiente para nós. Para ele dizemos: queremos tudo, seu escroto, tente nos impedir!"²⁷.

Eu não conseguia escrever, então te escrevi essa carta, que talvez seja ridícula como dizia o poeta sobre todas as cartas de amor²⁶. Mas talvez não seja ridícula por não ser de amor, mas de tesão, paixão e cumplicidade – camaradagem amorosa, que seja. O bom de escrever cartas de amor para quem já dança com a gente é não precisar esperar nada, ainda que meus fantasmas histéricos se apaziguem quando a resposta chega, você soube sempre dançar de um jeito que eu não me afogasse na sensação de precariedade que às vezes pede das pessoas com quem me alio que reivindiquem comigo a existência. A experiência compartilhada tem dessas coisas.

E para não falar mais que o homem da cobra, vou cortar aqui e,
como de praxe, te deixar com uma canção, a minha favorita do
Itamar²⁶,

Tetê tentei fazer um bolero
Tentei moda de viola
Tentei desvendar mistérios
Tentei dominar a bola
Tentei um tango pra solo
Dupla trio quarteto de trompas
Varei mil noites a fio
Tentei compor para flautas
Tentei imitar a ema
Tentei em vão criar clima
Tentei nó em pingo d'água
Tentei música latina
Tetê tentei fazer um bolero
Tentei moda de viola
Tentei desvendar mistérios
Tentei dominar a bola
Tentei musicar um drama
Tentei inventar poemas
Tentei música urbana
Tentei mais do que imaginas
Tentei centenas de temas
Tentei fugir da rotina
Tentei Sampa e Ipanema
Tentei desdobrar esquinas
Tentei a mais linda cena
Tentei fugir do esquema
Depois disso só me restou
Estar aqui tentando mímicas
Depois disso só me restou
Estar aqui tentando mímicas

e não me despeço porque sei que nossa dança segue.
como galinhas decapitadas pelos escombros do mundo.



